





# Cartografias nômade:

*ensaios de estética e antropologia*



Copyright © 2021, Francisco Augusto Canal Freitas.

Copyright © 2021, Editora Milfontes.

Rua Carijós, 720, lj 1, Ed. Delta Center, Jardim da Penha, Vitória, ES, 29.060-700.

**Compra direta e fale conosco:** <https://editoramilfontes.com.br>

**Distribuição nacional em:** [www.amazon.com.br](http://www.amazon.com.br)

[editor@editoramilfontes.com.br](mailto:editor@editoramilfontes.com.br)

Brasil

### **Editor Chefe**

Bruno César Nascimento

### **Curadoria**

Aknaton Toczec Souza (UNISECAL) • Alexandre Avelar (UFU) • Arthur Ávila (UFRGS)

Bruno Guimarães (UFOP) • Cíntia Vieira (UFOP) • Cláudia Viscardi (UFJF)

Diogo Silva Corrêa (UVV) • Dirce Solis (UERJ) • Fabiana Fredrigo (UFG)

Fabio Franzini (UNIFESP) • Flávia Varella (UFSC) • Georgia Amitrano (UFU)

Gessica Guimarães (UERJ) • Julio Bentivoglio (UFES) • Karina Anhezini (UNESP FRANCA)

Marcelo Moraes (UERJ) • Marcelo Rangel (UFOP) • Maria Da Glória Oliveira (UFRRJ)

Pablo Ornelas (UVV) • Rafael Haddock-Lobo (UFRJ) • Ueber de Oliveira (UFES)

Valdei Araujo (UFOP)

### **Curadoria do mês de maio de 2021**

Marcelo de Mello Rangel (UFOP)

# *Cartas aos Leitores*



## *Caro(a) leitor(a),*

Como uma mensagem numa garrafa lançada ao mar, esta carta chega às suas mãos. Uma carta-epístola, como um diálogo à distância; uma carta-mapa, como a que se afigura na capa; ou como a primeira carta do tarô, o Louco, a iniciar a jornada.

Não quero antecipar aqui o que você encontrará pela frente, nem indicar qual caminho seguir, apenas sugerir um mapa para que você possa se situar.

O livro está dividido em três partes, a compor diferentes paisagens: o deserto, a floresta, o mar. Cada parte contém dois capítulos, habitados e atravessados por personagens nômades: pastores do deserto, caçadores da floresta, naufragos do mar. A quarta parte, que figura como Apêndice, é um percurso pela selva da cidade. As Considerações iniciais e finais, como tentativas de formular os conceitos de nomadismo e paisagem, respectivamente, podem ser lidas em qualquer momento.

A ordem dos capítulos apresentada é a mais arbitrária: apenas segue a cronologia em que foram escritos. Os capítulos são ensaios relativamente independentes entre si, ainda que conectados por fios-condutores, de modo que podem ser lidos em diferentes sentidos e combinações. Assim, como num arquipélago de ilhas desertas, cada leitor.a pode traçar suas linhas de rumo e construir seu próprio roteiro.

Entre relato de viagem, mapa de rota, carta de percurso, diário de bordo ou livro de derrotas, este livro é uma tentativa de nomadizar o pensamento. Experiência de uma deriva, sem ponto de partida ou de chegada, a cartografia aqui apresentada é, portanto, fruto de sucessivos naufrágios.

Em um desses naufrágios, fui parar no Paraguai, onde pude aprender e conviver com o povo Aché. Essa experiência de uma “antropologia reversa” resultou no capítulo A cidade (Apêndice). Na forma de um “diário irônico”, em que me constituí como personagem patético às voltas com perguntas patafísicas, mais que fazer a narrativa de uma experiência, procurei fazer a experiência de uma narrativa, dando corpo às histórias que me eram contadas, conforme eu não as compreendia, seja pela dificuldade com a língua estrangeira, seja pela banalidade de um cotidiano estranho,

seja pela perplexidade da personagem que não era eu, mas na qual me tornei e da qual, afinal, aprendi a rir.

Como uma carta dentro de outra carta, mapa de outro mapa, jogo de diferentes baralhos, convido você, leitor.a fictício.a, a tornar-se personagem deste livro e a criar sua própria cartografia nômade.

Aguardo sua resposta,

de braços abertos,

Francisco.

*São Paulo, outono de 2021.*

## *Agradecimentos*

Aos meus pais e irmãos, pelo amor, carinho e incentivo durante toda a vida.

À Diana, pelo amor, companheirismo, paciência e apoio nestes anos juntos.

Ao Tobias, *perro no mucho*, pelos diálogos caninos.

Ao Peter Pál Pelbart, pelas desorientações necessárias.

À Jeanne-Marie Gagnebin, pelas perguntas fundamentais. Ao Renato Sztutman, pela interlocução aberta.

À Cíntia Vieira da Silva, pela companhia durante minha trajetória acadêmica e pela indicação de publicação da tese.

Ao Filipe Ferreira, pelos diálogos e vizinhança.

À Anne Sauvagnargues, pelo acolhimento atencioso na etapa final do doutorado.

Ao povo Aché, especialmente ao Andres Pikygi, à Rosa Brevi Kande, à Teresa Jakuwachugi e às crianças de Chupa Pou, Puerto Barra e Ypetimí, que me receberam carinhosamente, pelos ensinamentos de um modo de ser outro.

À Eva-Maria Roessler pelo contato amistoso.

Às amigas que se formaram na PUC-SP: Cláudia, Guilherme, Mariana, Morena, Paula, Paulo e Sabrina.

Às amigas que me acompanharam durante todo o percurso: Aline, Ana Maria, Dora, Horrana, Ju, Mariri e Mário.

Às amigas de trabalho e projetos: Debora, Luiz, Fernanda e Rachel.

A quem me acolheu no estrangeiro, abrindo braços e portas: Arthur Brun, Aymée Hamon, Christian Alonso, Jeanne Etelain, Michel Cerdan e Vivien Caubel. Às amigas latino-americanas que tornaram a experiência em Paris mais calorosa: Daniela, Diogo e Florencia.

Ao Fafadzi e à Juliana, *mes maitres*.

Ao Lucas Morais, pela revisão cuidadosa.

Ao Paulo Prot, pela capa, derivas musicais e longa amizade.

À Editora Milfontes, por tornar possível este livro.



Francisco Augusto Canal Freitas

# Cartografias nômades:

*ensaios de estética e antropologia*

*Coleção ETHOS - Nosso Clube*

*Volume X*



Editora Milfontes  
Vitória, 2021

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação digital) sem a permissão prévia da editora.

#### **Revisão**

Rozimery Baptista Fontana Nascimento

#### **Capa**

Imagem da capa:

*Friedrich Nietzsche - Wikipedia*

Paulo Prot - *Aspectos*

#### **Projeto Gráfico e Editoração**

Lucas Bispo Fiorezi

#### **Impressão e Acabamento**

GM Gráfica e Editora

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

F866c FREITAS, Francisco Augusto Canal.

Cartografias nômades: ensaios de estética e antropologia/ Francisco

Augusto Canal Freitas.

Coleção Ethos - Nosso Clube. Volume 10.

Vitória: Editora Milfontes, 2021.

188 p.: 23 cm.

ISBN: 978-65-86207-69-9

I. Cartografias 2. Território 3. Paisagem I. Freitas, Francisco Augusto Canal  
II. Título.

CDD 302.12

## **17 Prefácio**

## **21 Considerações iniciais**

### **33 O deserto e a savana**

33 *Temuchar'a*: devir índigo

40 *Mbodagansi*: devir zebu

### **57 A floresta**

57 O pensamento selvático

67 *Kware*: devir tamanduá

## **89 Transição entre a floresta e o mar**

### **91 O mar**

91 As ilhas desertas

107 Cartografias marinhas

### **121 Considerações finais**

121 Paisagem-pensamento

125 Cartografar as paisagens

127 Território e fronteira

131 Além do território

134 Paisagem-tempo

136 *Caosmografia*

139 Paisagem e desejo

## **143 Referências**

## **151 Apêndice: a cidade**

**151** Beeru: devir mosca branca

Aqueles que só conheceram o mar pelo rumor que faz um livro  
quando tomba  
os que só sabem da floresta o que ensina o farfalhar das páginas  
os que veem o mundo como um grande volume ilustrado  
no entanto sem legendas sem índices remissivos sem notas  
explicativas  
os que conhecem as cidades apenas pelo nome  
e acham que cabem no nome muitas coisas  
inclusive certas ruas vazias de madrugada  
as casas prestes a serem demolidas  
os mesmos talvez que pensam que um corpo pesa tanto  
na cama como no pensamento  
aqueles como nós para quem o desejo  
não é prenúncio mas já a aventura  
os que se reconhecem na tristeza  
das piscinas vazias à beira-mar

Ana Martins Marques



# Prefácio

“Não é o antropólogo uma espécie de caçador-coletor? Sua presa não é o Outro, que pretende capturar e incorporar? Mas, nessa paisagem, quem faz a vez de caçador e quem de caça? Não eram as crianças que estavam estudando Piragi? Não era Piragi a presa de sua curiosidade voraz? Cercado entre janelas e portas por dezenas de olhares atentos, sentia-se numa jaula como um animal exótico, observado em cada gesto ilógico, perscrutado em suas mínimas manias, notado em seus estranhos ritos, remedado com sua fala fanha. Suas roupas, seus óculos e seu chapéu serviam à fantasia alheia. Vasculhavam suas gavetas, seus cadernos, suas comidas, perguntavam o que eram e levavam o que queriam. Tantos seus que, afinal, não lhe pertenciam”.

Este trecho poderia ter sido copiado de um romance ou de um conto, tamanho o charme narrativo de suas palavras encantatórias que capturam o leitor, ou esta leitora. No entanto, as linhas acima foram extraídas de um trecho do livro que você agora tem em mãos, da parte intitulada *Apêndice*. Tal nome, convencional em textos acadêmicos ou teóricos de modo geral, padece a meu ver de uma imprecisão ligada às suas ressonâncias anatômicas. O apêndice, no corpo humano, ao menos segundo a medicina ocidental, é uma parte dispensável, como que aposta ao estômago, mas sem papel fundamental em suas tarefas digestivas. Ora, com o apêndice deste livro, ocorre o contrário: ele pertence essencialmente ao livro e, arrisco-me a dizer, o trabalho conceitual aqui efetuado não seria o mesmo sem a companhia da narrativa e elaboração do que foi vivido numa pesquisa de campo que compõem o texto desse trecho final do livro. Não fosse o excessivo estranhamento que uma escolha dessa poderia causar, teria sugerido ao Francisco chama-lo *Coração*, ou *Pulmões*.

A descrição desse pesquisador despossuído, tornado presa, que é Francisco em seu devir-Piragi, atesta não o fracasso de uma iniciativa investigativa, mas a atitude de abertura às diferenças, às singularidades, essencial para a produção de um pensamento novo. Ao longo deste livro, vemos ampliando as relações de sua escrita com o fora, intensificando

o “abrir-se ao exterior” que coloca como requisito para a criação de um pensamento nômade em torno dos nomadismos.

Em seus exercícios de nomadologia, Francisco nos convida a percorrer a constelação conceitual composta pelo conceito de nômade tal como criado por Deleuze e Guattari. A viagem tornada possível pela leitura deste livro, todavia, não transita apenas por conceitos, mas nos leva também a visitar diferentes paisagens, a experimentar diversas maneiras de habitar e constituir espaços, a flertar com distintas cosmologias.

Os diversos nômades estudados aqui são apresentados, não como povos sem território, mas sim como povos cujo “percurso [...] constitui o território”. São povos que vivem e pensam o mundo “como um espaço dinâmico, transitório” e fluente. Manter-se em movimento, desse ponto de vista, é entrar em harmonia com o universo e a sedenterização, enquanto corte do fluxo do movimento, “é uma forma de descompasso com o universo”. Desse modo, as cosmologias nômades colocam a dinâmica como “princípio tanto estético quanto ético, político e ontológico”. Ao que eu acrescentaria que a dinâmica, a fluência, constitui-se também em princípio epistemológico tanto para sociedades nômades, quanto para modos de pensar nomadológicos.

Esses traços comuns aos vários nomadismos não são estabelecidos por generalização ou extrapolação. Encontramos no livro uma intensa frequência de vidas nômades dentre os Tamacheque, os WodaaBe, os Aché e outros, seja por meio da convivência direta, seja pela retomada de estudos forjados com o que se costuma chamar de pesquisas de campo. Com os Tamacheque, Francisco nos apresenta um estilo em pensamento-vida guiado pela pregnância da cor, que exprime a primazia do âmbito estético nessa cosmologia. Francisco explica que “tal princípio estético-cosmológico implica mais em dar cor que forma ao corpo, ou seja, mais que uma metamorfose, trata-se de uma *metacromia*. Pois a pele, como uma roupa (segunda pele), é a superfície na qual se imprime o mundo.”

Esse modo de existência estético implica diretamente uma ética e uma política, na medida em que tem em vista a criação de maneiras de viver junto e a sintonia com o universo. O belo não é apenas um critério relativo a indivíduos:

a beleza, em última instância, não pertence a um corpo, e sim ao entorno que ele espelha, que se espalha e que o atravessa. Embelezar-se é harmonizar-

se com o universo. Nesse sentido, a estética é, ao mesmo tempo, ética e política, uma incorporação (literal e simbólica) da multiplicidade. A cosmética é uma cosmogonia do corpo: criar em si, na superfície da pele, a beleza, a harmonia do mundo.

A primazia do estético também aparece entre os WoDaaBe, mesmo nas suas alianças com os animais, sobretudo os bovinos zebus, de quem se consideram servos e a quem escolheram servir por sua beleza. Dentre esse povo de estetas, a arte não é uma atividade especializada, mas uma prática cotidiana de todos, que não negligenciam a tarefa de “embelezar-se para o mundo”. Essa arte que se faz no corpo e esposa os movimentos da natureza e da transumância corresponde a uma cosmovisão calcada no devir, em que indivíduos de espécies distintas, animados e animados, podem se tornar uns nos outros.

Saindo do deserto e adentrando a floresta, Francisco nos leva à companhia de povos caçadores, que nos fazem ver um modo de vida a tal ponto integrado a seu meio de habitação, que se pode falar numa “ontologia da habitação”, segundo a expressão de Tim Ingold, de que Francisco se apropria. Essa integração não é uma assimilação, pois o estilo de vida do caçador nos dá lições de hermenêutica, tradução e perspectivismo, ou seja, atividades que pressupõem a detecção das diferenças e a lida com elas. A filosofia aprende com a caça a incorporar “o pensamento do outro, um pensamento outro” e se converte em “canibalismo metafísico”.

Nos trajetos marinhos do cartógrafo Francisco, nos deparamos com as ilhas desertas deleuzianas e as lições que o mar dá à terra, ou melhor, que a frequência das duas perspectivas, terrestre e marítima, pode nos ensinar. Li este livro logo no início do isolamento pandêmico, enquanto era ainda uma tese de doutoramento aguardando sua defesa. Este capítulo, “Mar”, foi o que me permitiu tentar articular os múltiplos nomadismos que precedem o capítulo ao momento de reclusão, em que a relação com a casa, o domicílio fixo vinha se fazendo a tônica dominante. O deslizamento das ilhas desertas às aventuras de Sexta-feira e Robinson Crusoe, recriados por Michel Tournier, tornou mais visível e palpável o quanto o isolamento pode ser povoado de novas individualizações, mesmo se, ao invés de habitar a ilha *Speranza*, esteja-se confinado em um apartamento.

É também neste terceiro capítulo que entendemos porque este livro parece se configurar em viagens, mais do que em cartografias. A

concepção de mapa ou carta apresentada aqui é também dinâmica, fluente, numa palavra: nomadológica. Francisco explora a polissemia dos termos envolvidos numa cartografia para mostrar sua conexão ao movimento: “carta-mapa-epístola, pois: mais que uma descrição ou uma prescrição de um mundo, a cartografia é um modo de inscrição e de criação de mundos possíveis.”

Este livro encantador reserva mais uma surpresa, além do encontro com os Aché no “Apêndice”, após o encerramento do último capítulo. É que as “Considerações finais” não são uma mera glosa do que acabamos de ler, mas recoloca a questão da relação entre indivíduos e seu entorno em termos que envolvem o conceito de paisagem. No pensamento nômade, caçador e viajante de Francisco, a paisagem não é apenas algo que contempla, mas algo que se incorpora.

Que a alegria desta bela aventura pensante possa ser reativada por cada nova leitora e novo leitor, a cada nova leitura.

*Cíntia Vieira da Silva*

# Considerações iniciais

*Pensamento é espelho diante do deserto de vidro da Extensão.*  
Leminski<sup>1</sup>

Pensar o nomadismo requer nomadizar o pensamento. Para isso, os conceitos devem seguir os passos dos nômades, isto é, abrir-se ao exterior, colocar-se numa relação com o fora, com um espaço infinito. Definir, delimitar, determinar categorias fixas é, ao contrário, demarcar uma fronteira, sedentarizar o pensamento, encerrá-lo em uma interioridade. Desde uma perspectiva nômade, tanto a nomadização quanto a sedentarização e a migração são processos, movimentos, linhas de forças que se atravessam, se sobrepõem e se deslocam, mudando de sentido de acordo com o contexto. São modos distintos de ocupar um espaço temporalmente, formas de povoar a terra.

Em primeira instância, o que distingue o nômade do sedentário não é o movimento, senão o ritmo ou os graus de velocidade entre a permanência e a mudança. Em uma escala espaço-temporal intensiva, o sedentarismo corresponde ao grau zero do nomadismo. O sedentário não é aquele que não se move, mas cujo movimento se estabelece dentro de fronteiras demarcadas, de um espaço previamente delimitado. De modo semelhante, o migrante é quem se desloca de um ponto a outro, de uma fronteira a outra, segundo um percurso pré-definido. O nômade, por seu turno, é aquele cujo repouso consiste apenas em um momento do movimento, e, ainda que não se mova, desloca o espaço em que habita. Não é aquele que muda constantemente de lugar, mas quem, permanecendo no mesmo lugar, muda-o simultaneamente. Nas palavras de Deleuze,

o nômade não é forçosamente alguém que se movimenta: existem viagens num mesmo lugar, viagens em *intensidade*, e mesmo historicamente os nômades não são aqueles que se mudam à maneira dos migrantes; ao contrário, são aqueles que não mudam, e põem-se a nomadizar para permanecerem no mesmo lugar.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> LEMINSKI, Paulo. *Catatau: um romance-ideia*. São Paulo: Iluminuras, 2010, p. 19.

<sup>2</sup> DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta: e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2006, p. 327 *et seq.* Cf. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2. v. 5. Trad.

Para permanecer no mesmo lugar, também é preciso partir, criar “casas longe de casa”,<sup>3</sup> pois, para o nômade, desabitado é tão importante quanto habitar: desabitado para manter o espaço vazio em sua intensidade latente.

Trata-se de um *nomadismo intensivo*, e não *extensivo*. Enquanto o espaço do nomadismo extensivo é quantitativo, mensurável, abstrato e representativo, o espaço intensivo compreende graus de potência incomensuráveis, qualidades de grandezas distintas e variáveis. Assim, uma carta ou um mapa extensivo, propriamente sedentário ou migrante, é formado por “zonas de determinação”, demarcado por coordenadas geométricas segundo uma escala absoluta. Uma carta intensiva ou nômade, atravessada por “zonas de indeterminação”, pode ser, por exemplo, um mapa afetivo ou expressivo, jamais representativo. O primeiro se mede em quilômetros, o segundo em acontecimentos. A identificação de ambos como formas de nomadismo tem em vista as “infindáveis impregnações distintas de um tipo pelo outro”.<sup>4</sup>

Nesse sentido, a distinção entre o nômade, o migrante e o sedentário não pode ser estabelecida definitivamente, segundo um quadro de tipologias fixas, em fronteiras muito bem demarcadas, própria a uma perspectiva sedentária. Seguindo Deleuze e Guattari,

a necessidade da distinção a mais rigorosa entre sedentários, migrantes, nômades, não impede as misturas de fato; ao contrário, torna-as por sua vez tanto mais necessárias. E não se pode considerar o processo geral de sedentarização que venceu os nômades sem ter em vista também os acessos de nomadização local que arrancaram os sedentários, e duplicaram os migrantes.<sup>5</sup>

De um extremo a outro, a passagem do nômade à condição de sedentário, e ao revés, multiplica as migrações na medida em que, nesse intervalo, um e outro se tornam migrantes. Nesse sentido, nomadização, sedentarização e migração não são categorias fixas, mas processos,

---

Peter Pál Pelbart; Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 2012, p. 55. “O nômade é antes aquele que não se move”.

3 PERDERSEN, Morten Axel. Moving to Remain the Same: An Anthropological Theory of Nomadism. In: CHARBONNIER, Pierre et al. *Comparative metaphysics: ontology after anthropology*. London/New York: Rowman & Littlefield, 2017, p. 230.

4 ORLANDI, Luiz. Anotar e nomadizar. In: LINS, Daniel (org.). *Razão nômade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, p. 55 et seq.

5 DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs... Op. cit.*, p. 60.

devires que atravessam diferentes povos. Assim, as definições deverão se compor das misturas e das sobreposições, ao invés de buscar um purismo conceitual. Afinal, “não há um nômade puro”.<sup>6</sup> O nomadismo não é a característica de um povo, nem apenas uma categoria etnológica, e sim um modo de existência em constante metamorfose. Para apreender a perspectiva nômade é preciso que o pensamento encontre o deserto, a savana, a floresta, o mar. Encontrar o deserto, a savana, a floresta, o mar no pensamento: espaços abertos, ilimitados, indeterminados; jamais vazios, plenos de possibilidades. Esses espaços constituem paisagens nômades.

Nômades e sedentários se distinguem pelo modo como se relacionam, ocupam e atravessam o espaço. A intermitência entre a chegada, a permanência e a partida é que qualifica o movimento de ambos. Em uma palavra: o *ritmo*, isto é, a frequência da repetição e a variação de intensidade temporal num espaço musical: tempo forte, tempo fraco, pausa, pulsação. Não o ritmo metronômico do tempo cronológico, mas o *rhythmós*, “ritmo flexível, disponível, móvel; forma passageira, mas ainda assim forma”.<sup>7</sup>

Não se trata simplesmente de opor quantidade e qualidade, mas de perceber como uma se dobra sobre a outra e a modifica. Pois o ritmo é composto por relações de intensidade e extensão, dilatação e compressão do tempo-espaço: andamento (*rallentando*, *accelerando*), dinâmica (*sforzando*, *crescendo*, *diminuendo*), velocidade (rapidez e lentidão) e duração. Na curva espaço-temporal, “a extrema velocidade *concentra*” e “a extrema lentidão *expande*”.<sup>8</sup> Assim, na escala dos graus de velocidade, o grau zero corresponde à invariabilidade rítmica, enquanto os extremos (lentidão e rapidez) operam a dilatação e a compressão do espaço-tempo.

Do micro ao macrocosmo, o espaço pode ser construído de modo aberto ou fechado, possibilitando ou impedindo os gestos de se reconfigurarem. Barthes sugere como “microespaço sedentário” a lâmpada

---

6 DELEUZE; GUATTARI. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia* 1. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2011, p. 198.

7 BARTHES, Roland. *Como viver junto*. São Paulo: Martins Fontes, 2013, p. 68. “*Rythmós*: é o ritmo admitindo um mais ou um menos, uma imperfeição, um suplemento, uma falta, um ídios, o que não entra na estrutura, ou entraria nela à força.”

8 ZILBERBERG, Claude. Observações sobre a base tensiva do ritmo. *Estudos Semióticos*, São Paulo, v. 6, n. 2, nov. 2010, p. 9. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>. Acesso em: 19 abr. 2017.

da mesa de cabeceira,<sup>9</sup> que, com um gesto no escuro, pode ser acendida. Da cama à casa, da casa ao território, o espaço sedentário é aquele fixado pelo gesto repetido que aproxima todas as coisas, que delimita um nicho, um território afetivo de proximidade e de familiaridade. É o espaço da *proxemia*, diz Barthes, que “faz parte de uma tipologia dos espaços subjetivos na medida em que o sujeito os habita afetivamente”.<sup>10</sup> O que seria, porém, um “microespaço nômade”, aberto às variações do habitar? Barthes não chega a usar essa expressão, mas sugere que toda a questão do viver junto gira em torno da relação entre proximidade e distância, do ritmo próprio, isto é, da “idiorritmia”. Como seria possível uma comunidade polifônica, polirrítmica, que agregue em seu seio diferenças de intensidade? Parece que o microespaço nômade, assim como o macroespaço, se caracteriza pela abertura, e não pelo fechamento das fronteiras; espaço não delimitado atravessado por gestos mínimos desviantes, percursos do corpo que formam um território móvel, fluido, poroso. Assim, o hábito, conjunto de atos que se repetem e se transformam no tempo micro e macrológico, comporta em si gestos mínimos tanto sedentários quanto nômades. Significa que o hábito não é apenas a sedentarização das ações em costumes rígidos e previsíveis em um tempo dilatado, mas comporta igualmente as variações possíveis do imprevisível no tempo diminuto. A idiorritmia, com suas mudanças de velocidade e de intensidade, com seus movimentos de aproximação e de distanciamento, ora comprime ora dilata o espaço e o tempo, como um modo plurívoco de habitar o hábito.

Segundo essa dinâmica conceitual, diz-se que o sedentário não muda porque o espaço que percorre é homogêneo, enquanto o nômade muda, não de lugar, senão de velocidade, de ritmo, em um espaço diferencial. O movimento do sedentário é retilíneo e uniforme, ou uniformemente variado, enquanto o do nômade é desviante, descontínuo, intermitente. Tal oposição pode ser expressa em dois oximoros: um movimento imóvel e uma imobilidade movente.

Não se busca, aqui, uma *essência* – o que é o sedentário, o que é o nômade –, ideia por demais sedentarizante. Antes, um processo, uma modalidade: *como eles se movem, como habitam, como se compõem com o espaço e como o espaço se compõe ao passo de seu atravessamento.* O

---

9 BARTHES, Roland. *Como viver junto...* Op. cit., p. 220.

10 *Ibidem*, p. 219.

deserto, a savana, a floresta e o mar, lugares onde diferentes modos de vida nômades se constituem, são espaços abertos, infinitos, sem fronteiras definidas ou definitivas. Assim, o nômade e o espaço em que habita se definem por sua abertura recíproca.

Geralmente, o nomadismo é compreendido como uma característica remanescente de sociedades ditas primitivas ou arcaicas, que mantêm seu modo de vida desde uma origem imemorial, à revelia da história e dos progressos da civilização ocidental. Esse suposto isolamento idílico é fonte para a fecunda curiosidade ocidental, que, por seu turno, vê nos grupos nômades um espelho dos primórdios da humanidade. Alguns historiadores e antropólogos costumam remontar o nomadismo à pré-história, à Era Paleolítica, anterior à sedentarização da Era Neolítica, marcada pela invenção da agricultura e da escrita e pelo surgimento das cidades. Segundo essa concepção linear e progressiva da história, os nômades possuem uma cultura de subsistência sustentada pela predação, uma tradição essencialmente oral, além de uma organização social tribal. As diferentes formas de nomadismo existentes, mesmo no mundo contemporâneo, são classificadas em três categorias, de acordo com a atividade econômica: pastores, caçadores-coletores e pescadores (dentre estes, piratas e corsários).<sup>11</sup>

Não obstante, a determinação da organização socioespacial de acordo com a infraestrutura econômica é, no mínimo, limitada. Reduzir as sociedades ao modo de produção (ou predação), deslocado das condições de vida, do contexto geográfico e histórico, dos arranjos sociais e políticos entre diferentes grupos, ou seja, isolar as sociedades humanas umas das outras, bem como ignorar sua relação com a terra e com os demais seres que compõem seu cosmos, torna impossível sustentar qualquer distinção entre nômades e sedentários.

Segundo Pierre Clastres, nômades e sedentários podem ter estrutura econômica e “formações sociais idênticas”.<sup>12</sup> Não obstante, para o filósofo-etnógrafo, é o político que determina o econômico. Nas relações de poder que estruturam a vida política e distribuem as funções econômicas, a diferença essencial se dá entre sociedades com Estado e sociedades sem

<sup>11</sup> Cf. BONTE, Pierre. *Les Derniers Nomades*. Paris: Solar, 2004.

<sup>12</sup> CLASTRES, Pierre. *Arqueologia da violência: pesquisas de antropologia política*. São Paulo: Cosac Naify, 2014, p. 170.

Estado, ou melhor, *contra* o Estado. Enquanto nas primeiras “a emergência do Estado determina o aparecimento de classes” e o poder se exerce como dominação,<sup>13</sup> as últimas se organizam de tal maneira a impedir a centralização do poder em seu seio. Há uma “máquina de guerra nômade” contra o “aparelho de captura do Estado”, isto é, não apenas contra o Estado em sua forma molar institucional, mas também contra a “forma-Estado” enquanto unidade transcendente.<sup>14</sup>

A diferença entre nômades e sedentários, portanto, não é essencial, e sim relacional, transitiva, circunstancial. São modos distintos de se relacionar com a terra e com os outros seres que nela coabitam. A dinâmica da relação entre os coletivos (humanos e não-humanos) é que permite compreender o modo como se definem bem como as constantes passagens de um estado a outro, do nomadismo ao sedentarismo e vice-versa. Ademais, há tanto pastores, caçadores e agricultores nômades quanto sedentários. O pastoreio, a caça, a coleta, a pesca ou a agricultura não são meramente atividades econômicas, mas *modos de existência*, pois compreendem diferentes relações entre humanos e não-humanos – e nesse sentido, a política é *cosmopolítica*.

A perspectiva de uma relação não centralizada, anti-hierárquica, diz respeito tanto à política interna aos coletivos humanos quanto à política externa com os coletivos não-humanos. Levando adiante a hipótese clastreana, Eduardo Viveiros de Castro propõe “politizar a natureza, ou o cosmos – pensar a dimensão cosmopolítica da sociedade-contra-o-Estado”.<sup>15</sup> Trata-se de pensar a relação não-hierárquica entre humanos e não-humanos em seu vínculo com a terra de modo a compreender o nomadismo para além de um deslocamento espacial e vislumbrá-lo como uma categoria cosmológica.

O nomadismo é uma categoria operatória antes de ser classificatória, posto que o nômade não é um tipo social, e sim um “personagem conceitual” que emerge do pensamento.<sup>16</sup> Não quer dizer que não existam

---

13 CLASTRES, Pierre. *A Sociedade contra o Estado*. São Paulo: Cosac Naify, 2012, p. 211.

14 Conferir os capítulos Tratado de nomadologia e Aparelho de captura em: Cf. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs... Op. cit.*

15 VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O intempestivo, ainda... *Op. cit.*, p. 356.

16 “Os personagens conceituais têm este papel, manifestar os territórios, desterritorializações e reterritorializações absolutas do pensamento”. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* São Paulo: Ed. 34, 2010, p. 84.

povos nômades “de fato” ou “de direito” – por mais que esta questão não seja posta por eles mesmos –, mas que tal conceptualização remete a uma indagação sobre os modos de existência em relação a um território. Contudo, o conceito de nomadismo não passaria de um espelho para o Ocidente? Não haveria um efeito bumerangue, e, quando se pensa falar do “outro”, se fala apenas de “si mesmo”?

As analogias e as metáforas relativas ao nômade florescem no ‘Norte’ na mesma hora da desapareição iminente de seus últimos representantes tradicionais no ‘Sul’, sejam eles caçadores-coletores ou pastores. A analogia até mesmo a aprendizagem pelo nomadismo da hiper mobilidade contemporânea seriam portanto pertinentes de um ponto de vista empírico e teórico? Seria uma verdadeira transferência conceitual com um valor heurístico agregado ou seria, ao inverso, a projeção de nossas próprias categorias de pensamento, o retorno do que se desejou aplicar a outrem, negado e reprimido para se erigir enquanto moderno? Não há um risco que, em lugar de novação, com o efeito espelho, teríamos a confirmação de nossas próprias categorias?<sup>17</sup>

De que modo o conceito de nomadismo poderia, em uma retroprojeção, operar uma torção no pensamento? Se, ao invés de um espelhamento, se produzisse um estranhamento? E se, afinal, as perguntas devolvessem outras perguntas? “Uma verdadeira antropologia, segundo Patrice Maniglier, devolve-nos uma imagem de nós mesmos na qual não nos reconhecemos”.<sup>18</sup> Não se trata apenas de falar *sobre* ou *por* outros povos, sim talvez de falar *com* eles, de escutá-los, de permitir que suas vozes penetrem o discurso ocidental e modifiquem o modo como este os compreende. Assim, o pensador “[t]orna-se índio [ou nômade], não para de se tornar, talvez ‘para que’ o índio [ou o nômade], que é índio [ou

---

17 GAGNOL, Laurent. Le territoire peut-il être nomade? Espace et pouvoir au sein des sociétés fluides et mobiles. *L'Information géographique*, v. 75, n. 1, p. 86-97, 2011. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-l-information-geographique-2011-1-page-86.htm>. Acesso em: 20 nov. 2019. [“Les analogies et les métaphores relatives au nomade fleurissent dans les ‘nords’ à l’heure même de la disparition imminente de ses derniers représentants traditionnels dans les ‘suds’, qu’ils soient chasseurs-collecteurs ou pasteurs. L’analogie voire l’apprentissage par le nomadisme de l’hypermobilité contemporaine sont-ils pour autant pertinents d’un point de vue empirique et théorique ? Serait-ce un véritable transfert conceptuel avec une valeur ajoutée heuristique ou serait-ce, à l’inverse, la projection de nos propres catégories de pensée, le retour de ce qu’on a voulu appliquer à autrui, nié et refoulé pour s’ériger en tant que moderne ? N’y a-t-il pas un risque qu’au lieu de novation, avec l’effet miroir, nous n’ayons que la confirmation de nos propres catégories ?”]

18 MANIGLIER *apud* VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais*: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac Naify, 2015, p. 21.

nômade], se torne ele mesmo outra coisa e possa escapar a sua agonia”.<sup>19</sup> O devir-nômade do pensador corresponde ao devir-pensador do nômade.

Pois reconhecer a arte, a estética e a ontologia como categorias pertencentes a povos não ocidentais não significa impor-lhes categorias alheias, como os últimos corolários do colonialismo no terreno das ideias, tampouco um reconhecimento jurídico do estatuto de maioria intelectual pós-colonial e pós-tutelar; antes, implica em fazer os próprios conceitos e categorias ocidentais diferirem, ou, no mínimo, perceberem-se como particulares e não universalizáveis em contraste com outras formas de pensamento.

Tomados como casos-limites – às vezes opostos, outras tantas sobrepostos –, o nômade e o sedentário correspondem a modos distintos de pensar, de perceber e de habitar o espaço. Por um lado, a separação no pensamento entre categorias fixas – estética, ética, política e ontologia – como áreas relativamente autônomas, com fronteiras muito bem demarcadas, é uma característica típica do pensamento sedentário. Por outro lado, para o pensamento nômade, essas áreas formam planos de convergência, de modo que as fronteiras não constituem barreiras, mas linhas de junção, tangência de territórios que se delineiam pelo percurso.

Tanto no pensamento quanto na ação, o que distingue o nômade do sedentário não é o movimento, mas o modo de habitar e de se relacionar com o espaço. Para o sedentário, o percurso se estabelece dentro de uma fronteira demarcada, ao passo que para o nômade é o percurso que constitui o território. Assim, o mundo é visto como um espaço dinâmico, transitório, de modo que interromper o fluxo, sedentarizar-se, é uma forma de descompasso com o universo. Nessa cosmologia, a percepção da dinâmica é um princípio tanto estético quanto ético, político e ontológico.

A tentativa de definir uma identidade, de demarcar uma fronteira rígida, de encontrar uma essência imutável, é uma perspectiva sedentária ou sedentarizante. Sob a perspectiva nômade, a identidade é uma categoria móvel, fluida, contextual, negociável. Pois as fronteiras são sempre demarcadas no embate de forças. E a “etnicidade” é apenas um dos modos de identificação em relação a outras dimensões da subjetividade, porquanto uma “subjetividade nômade” sempre escapa e atravessa intermitentemente as fronteiras.

---

19 DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia... Op. cit.*, p. 132.

Ademais, a etnonímia dos grupos nômades é igualmente problemática na medida em que a “etnia” é uma categoria da “forma-Estado” que pretende unificar uma multiplicidade sob uma identidade extrínseca. Na maioria das vezes, os nomes pelos quais são designados provêm de outros povos ou do contexto de interação com os etnógrafos; ou ainda, quando se tratam de autodenominações, remetem às relações de vizinhança. A etnonímia designa “um nome, não um grupo; é uma forma de distinguir, de incluir e excluir; é, pois, meramente um dispositivo para estabelecer fronteiras”.<sup>20</sup> Dizer que é um grupo, com identidade, com território e com estrutura social determinados, seria uma forma de fazê-los responder às perguntas do antropólogo mais que deixá-los dizer por si mesmos.

Estabelecer fronteiras criando contrastes tem o efeito de *eliciar* grupos como um tipo de contexto geral para a expressão de alguém, aludindo a eles indiretamente, e não os organizando ou participando deles de forma consciente.<sup>21</sup>

As fronteiras identitárias são sempre contextuais e estão em deslocamento constante.

No primeiro capítulo, encontram-se dois povos nômades, pastores do deserto e da savana. Os primeiros deles, conhecidos como “tuaregues”, têm sua etnonímia derivada de *Targa*, um oásis de onde seria originário.<sup>22</sup> Mas os assim-chamados tuaregues se autodenominam Kel Tamacheque (“aqueles que falam tamacheque”)<sup>23</sup> ou Kel Taggelmust (“aqueles que usam véu”). O tamacheque pertence ao grupo linguístico berbere (chamado *tamazirt* por seus falantes) e possui uma escrita alfabética, *tifinar* ou *tifinagh*. Dentre os falantes do tamacheque, há diferentes grupos ou “tribos” (*tewsaten*: confederações de grupos políticos independentes), que, por sua vez, se definem pela toponímia da região que habitam.<sup>24</sup> Sua unidade cultural e linguística, enquanto corpo social, se expressa nas ideias de *tumast* (“o que todos nós somos”, “o que somos todos juntos”)

20 WAGNER, Roy. Existem grupos sociais nas terras altas da Nova Guiné? *Cadernos de campo*. São Paulo, n. 19, 2010, p. 247.

21 *Ibidem*, p. 247.

22 O termo francês *touareg* deriva de *tawwareq*, utilizado pelos cronistas árabes medievais. Touareg é o plural de *Targui* (masculino) e *Targuiat* (feminino), em árabe.

23 Ou Kel Tamajak, Kel Tamachaq, Kel Tamahaq, segundo as variações linguísticas locais.

24 BERNUS, Edmond. Les Touaregs. *Ethnies - Revue de Survival Internacional*, 1987.

e de *temuchar'a* (“ser e perceber-se tamacheque, ‘tamachequidade’”).<sup>25</sup> A autonomia de um agrupamento local se faz notar pelo tambor (*ettebel*), símbolo do poder, cujo percussor é o chefe ou articulador político (*amenokal*). Portanto, ao invés de empregar a palavra colonizadora, que apaga as diferenças linguísticas e geográficas sob uma identidade única e artificial, é melhor chamá-los pelo modo como eles se autodenominam, que, por seu turno, remete à língua, aos costumes e ao território.

Os segundos, nômades da savana do Sahel, WoDaaBe (sing. Bodaado), são identificados com os FulBe (sing. Pullo), também chamados de Fulani (em inglês), Peuls (em francês) ou M'Bororo<sup>26</sup> (em haussa, de Nigéria e Camarões). Apesar de compartilharem a língua Fulfulde com os FulBe, a subsunção é sempre problemática. Em cada caso, a distinção “étnica” não passa de uma linha tênue de demarcação identitária, ora ressaltada, ora borrada. A autodesignação WoDaaBe poderia ser versada por “pessoas do tabu” ou “aqueles que respeitam o tabu”. Outros FulBe, no entanto, entendem o termo como “aqueles que são excluídos” ou “aqueles sobre os quais recaiu o tabu”.<sup>27</sup> Esta é a ambiguidade própria do tabu: quem o viola, torna-se, ele próprio, um tabu. A diferença se refere, portanto, à violação ou não do tabu, cujo sentido ainda deve ser compreendido. Ademais, o próprio termo “tabu”, de origem polinésia, impõe complicações de tradução. Por enquanto, a vida nômade seria a principal marca que separa os WoDaaBe dos seus vizinhos sedentários.<sup>28</sup>

---

25 ADNANE, Mahfouz A. *Ichúmar*: da errância à música como resistência cultural Kel Tamacheque (1980-2010): raízes históricas e produção contemporânea. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014, p. 27 et seq.

26 M'Bororo é um termo pejorativo que designa o grupo de pastores nômades por seu vínculo vital com o gado zebu (*Bororooji*), em contraste com os FulBe sedentários ou semisedentários das vilas e cidades.

27 LOFTSDÓTTIR, Kristín. Bounded and Multiple Identities. *Ethnic Identifications of WoDaaBe and FulBe. Cahiers d'études africaines*, v. 185, 2007, p. 10. Disponível em: <http://etudesafricaines.revues.org/6740>. Acesso em: 23 abr. 2017.

28 “A oposição binária que os WoDaaBe traçam entre eles e os Haussa marca uma clara divisão entre vida sedentária e pastoril, construindo o mundo em esferas de atividades coerentes: os WoDaaBe vivem no mato, os Haussa nas cidades ou vilas; os WoDaaBe são pastores, os Haussa cultivam; os WoDaaBe migram, os Haussa permanecem no mesmo lugar. Ser Haussa ou WoDaaBe significa então se localizar em diferentes espaços que são apropriados por humanos de diferentes modos.” LOFTSDÓTTIR, Kristín. *The bush is sweet. Identity, Power and Development among WoDaaBe in Niger*. Uppsala: Nordiska Afrikainstitutet, 2011, p. 97 et seq. [“The binary opposition WoDaaBe generally draw between themselves and Hausa, marks a clear division of sedentary and pastoral life, constructing the world into coherent spheres of activities:WoDaaBe live in the bush, Hausa in towns or villages; WoDaaBe areherders,Hausa cultivate;WoDaaBemigrate,Hausa stay

Não obstante, a oposição rígida entre nômades e sedentários ignora as constantes passagens, transições e contaminações entre um estado e outro, ou, como observa Marguerite Dupire, a “oscilação pendular do nomadismo à sedentarização e depois à renomadização”.<sup>29</sup> Há vetores nômades, bem como sedentários, a atravessar diferentes povos. Mesmo o estreito vínculo dos WoDaaBe com o gado zebu, dependendo das condições ambientais e políticas, pode sofrer alterações temporais: quando perdem todo o rebanho, mudam para a cidade ou cultivam o campo, enquanto outros continuam a pastorear em meio ao nada. A sedentarização, de todo modo, é sempre um estado temporário. Trata-se, afinal, de um dos grupos mais ambíguos – em termos culturais, sociais, econômicos, sexuais, etc. –, cuja aparente rigidez de seus tabus guarda uma fluidez que, ao invés de lhes dissolver, lhes permite viver juntos.

Do deserto à floresta, passando pela savana, no segundo capítulo procura-se seguir o pensamento selvagem como uma modalidade ou modulação do pensamento selvático, isto é, que não apenas pensa a floresta, mas que pensa a floresta que pensa. Nessa imersão na floresta tropical, encontram-se outros nômades: os Aché, caçadores-coletores que habitam a região da tríplice fronteira entre Paraguai, Argentina e Brasil. Conhecidos como Guayaki por seus vizinhos Guarani, os Aché costumavam nomadizar em pequenos bandos que se encontravam sazonalmente, até que foram literalmente capturados e sedentarizados pelo Estado paraguaio.

Quando Pierre Clastres chegou a Arroyo Moroti, em fevereiro de 1963, não encontrou ali senão o fim de partida de um grupo nômade.<sup>30</sup> Em suas *Crônicas*, escritas ao estilo das crônicas dos viajantes e padres dos séculos XVI e XVII, Clastres renova o estilo ao mesclar relatos empíricos com conjecturas filosóficas e ao romancear a vida desses “selvagens”, iniciando a narrativa com a descrição de um nascimento e encerrando-a com uma discussão sobre a morte em sua forma prototípica, o canibalismo. Muitas das principais ideias do filósofo-etnógrafo (dentre

---

inone place. To be Hausa and WoDaaBe means thus localization within different spaces that are appropriated by humans in different ways.”]

29 DUPIRE, Marguerite. *Peuls Nomades*. Etude descriptive des Wodaabé du Sahel nigérien. Paris: Institut d’Ethnologie, 1962, p. V.

30 “Os nômades faziam uma parada definitiva.” CLASTRES, Pierre. *Crônica dos índios Guayaki*: o que sabem os Aché, caçadores nômades do Paraguai. São Paulo: Editora 34, 1995, p. 49.

elas, a da “sociedade contra o Estado”) provêm de um longo trabalho de maturação a partir das experiências que teve entre os povos das florestas tropicais sul-americanas, especialmente entre os Aché e os Guarani, em companhia de sua esposa Hélène Clastres. Todavia, o casal Clastres não voltou a se encontrar com os Aché, supondo que eles haviam chegado definitivamente ao fim. Malgrado o etnocídio e seu quase extermínio, os Aché voltaram a crescer e a inventar novas “máquinas de guerra”. E não obstante sua sedentarização forçada, continuam a nomadizar, seja por meio do canto e da língua, seja por meio de caçadas esporádicas ou de incursões na cidade.

No terceiro capítulo, ao invés de uma transição pela savana, há uma sobreposição entre o deserto e a floresta na ilha. Aqui, surge outro personagem conceitual: o náufrago como nômade do mar. Num primeiro momento, ao invés de lançar mão da etnografia, recorre-se à literatura a fim de esboçar como este personagem faz aparecer uma imagem do mar e da ilha como paisagens nômades. Num segundo momento, a paisagem marinha ganha outros contornos com as cartografias de povos que poderiam ser considerados sedentários ou migrantes, mas que demonstram, através de suas cartas, um devir-nômade.

Por fim, não se pretende, aqui, formular uma “teoria geral” do nomadismo. Pois não apenas as razões e os métodos de nomadização variam de povo para povo, de lugar para lugar, como também os modos de habitar a terra, as concepções de espaço e tempo, as relações de vizinhança e alteridade com outros seres, humanos e não-humanos, animados e inanimados. Do deserto à floresta, passando pela savana, das ilhas aos arquipélagos, atravessando o mar, esta tese procura cartografar paisagens nômades.